

ANEXO I

Curso de Aperfeiçoamento, para os inspetores escolares, "Assistentes Técnicos de Ensino" publicado na Revista do Ensino, n. 35, p. 73-130, julho de 1929.

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO

PARA ASSISTENTES TÉCNICOS DO ENSINO

Segunda-feira, 17 de junho, instalou-se no edifício da Escola Normal Modelo, nesta Capital, o curso de aperfeiçoamento para os candidatos habilitados no recente concurso de assistentes técnicos do ensino.

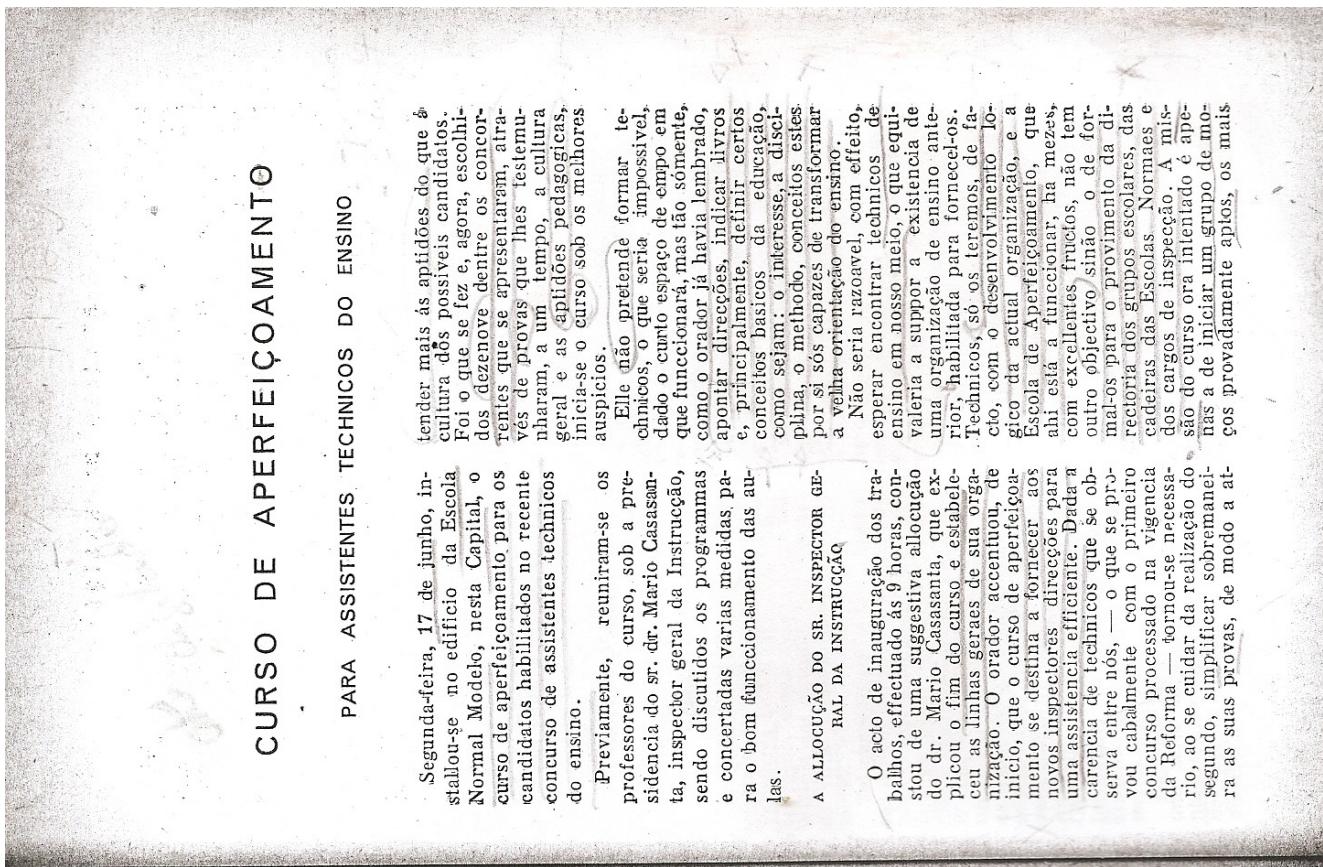
Previamente, reuniram-se os professores do curso, sob a presidência do sr. dr. Mario Casasanta, inspector geral da Instrução, sendo discutidos os programas e concertadas várias medidas para o bom funcionamento das aulas.

A ALLOCUÇÃO DO SR. INSPECTOR GERAL DA INSTRUÇÃO

tender mais às aptidões do que à cultura dos possíveis candidatos. Foi o que se fez e, agora, escolhidos dezenove dentre os concorrentes que se apresentaram, através de provas que lhes testemunharam, a um tempo, a cultura geral e as aptidões pedagógicas, iniciasse o curso sob os melhores auspícios.

Ele não pretende formar técnicos, o que seria impossível, dando o curto espaço de tempo em que funcionaria, mas tão somente, como o orador já havia lembrado, apontar direções, indicar livros e, principalmente, definir certos conceitos básicos da educação, como sejam: o interesse, a disciplina, o método, conceitos estes por si só capazes de transformar a velha orientação do ensino.

Não seria razoável, com efeito, esperar encontrar técnicos de ensino em nosso meio, o que equivaleria a suppor a existência de uma organização de ensino anterior, habilidade para fornecê-los. Técnicos, só os teremos, de fato, com o desenvolvimento lógico da actual organização, e a Escola de Aperfeiçoamento, que aqui está a funcionar, há meses, com excellentes frutos, não tem outro objectivo senão o de formar os para o provimento da direcção dos grupos escolares, das cadeiras das Escolas Normais e dos cargos de inspecção. A missão do curso ora intitulado é apenas a de iniciar um grupo de moços provadamente aptos, os mais



delle vindos do magisterio, nos principios da reforma da instrução, devendo essa obra ser continuada, regulamente, através de publicações diversas e de outros cursos (os de férias, por exemplo), como também de reuniões periódicas, promovidas pela Inspeção Geral e já previstas no Regulamento.

Por enquanto, o que se faz misto é que nos improvisamos em termos de ensino, pois que o momento não comporta vacilações, nem é possível que esperemos por todo um período de dois anos para os recebermos perfeitos e preclaros, como a Escola de Aperfeiçoamento nos promete dar.

Exemplo dessa improvisação, nôs o temos na figura impressiva do nosso ilustre chefe dr. Francisco Campos, secretário do Interior, que, com o espirito initeiror, voltado para oura ordem de coabitacões, estudo em breve espaço todos os aspectos do problema educacional em Minas e trouxeram, para os dois monumentos que são os regulamentos do ensino normal e primário, os quais compediham tudo o que de melhor e maior se cogitou sobre o assunto.

Concluída a sua brilhante experiência, o dr. Mario Casasanta dirigiu um appello aos que se inscreveram no curso, para que, pelo estudo intensivo, tirassem o menor proveito desses dois meses de estudo, aperfeiçoando-se, desde para bem desempenhar o papel que lhes cabe na propagação e execução dos princípios da Reforma.

A ORGANIZAÇÃO DO CURSO

O curso de aperfeiçoamento comprehende um estudo quanto possível completo da metodologia, dividido em tres partes.

Na primeira, que ficou a cargo da professora Lucia Schmidt Monteiro de Castro, do corpo docente da Escola de Aperfeiçoamento, passa-se em revista a organiza-

sica do Estado, faz um curso de sua especialidade.

O dr. Mario Casasanta, inspetor geral da instrução, que está dirigindo pessoalmente os trabalhos, professa, ainda, um curso de sua interpretação — Horario — Organização das classes — Frequência e meios de incentival-a, cursos didacticos, etc.

O estudo da segunda parte, de que se encarregou a professora Benedicta Valledorras, da Escola Normal Modello, abrange a conceituação da educação e os problemas dossas da metodologia (interesse, método, disciplina, etc.).

Constiuem objecto de estudo

da terceira parte, a cargo da professora Amélia de Castro Monteiro, da Escola de Aperfeiçoamento,

as instituições escolares contem-

pidadas ou não no nosso regula-

mento primário. Focalizam-se,

entre outros, os temas seguintes:

A socialização da escola — Au-

ditorium, como organizado —

Clubs, sua organização e fins —

Jornais e outras publicações —

Excursões, como preparadas — Bi-

блиotheca, modo de organizada —

Digital — Museu — Commemo-

ração das festas nacionais — Con-

selhos escolares — Associação das

Mães de Família e todas as ini-

cativas de assistencia, como: caixa

escolar, cantinas, copo de leite,

sociedades cooperativas, etc., com

um estudo particularizado da nu-

trição. Incluem-se ainda neste rôl

todas as instituições que tendam

a elevar o nível mental e moral

do professorado, tales como: dia

de leitura, reuniões periodicas do

corpo docente, discussão de the-

ses pedagogicas, conferencias, li-

ga de professores, etc.

Além deste, ha um outro curso de metodologia especial de arithmetica, pelo dr. Edgard Re-

nault Coelho, director da Escola

Normal, e ouro de metodologia

de língua portugueza, pelo profes-

or Firmino Costa, director te-

cnico do Curso de Aplicação.

O professor Henao Eloy de Ar-

drade, inspetor de educação phy-

Qual deve ser o mobiliario de uma sala de aula, entre tanto? O dr. Mario Casasanta, inspetor geral da instrução, que está dirigindo pessoalmente os trabalhos, professa, ainda, um curso de legislação escolar, orientando os novos assistentes sobre o cumprimento das atribuições regulamentares referentes à assistencia técnica e um outro de história da educação.

De acordo com a orientação que s. exc. vem dando ao curso, os professores fazem, por escrito, o resumo de suas aulas que em seguida é publicado pelo "Mês nas Geres" e, agora, pela "Revista do Ensino".

Damos abaixo os resumos das primeiras aulas professadas.

METHODOLOGIA

1.º AULA

Generalidades

Antes de desenvolver o seu programa, a professora Benedicta Valadares quis conceituá-lo a educação, como desenvolvimento integral dos alunos, só o ponto de vista phisico, intellectual:

Tal conceito não é novo, mas a sua pratica ainda não se fez entre nós. O que entre nós ainda predomina não é o desenvolvimento, mas a imposição de informações. É uma instrução a força. A atitude dos alunos, si o conceito de educação-desenvolvimento fosse bem entendido e aplicado, não seria a atitude massiva que se observa em nossas aulas e assim aos interesses infantis e no interesse que se baseia a ordem da classe, esse palavão a que chamamos disciplina.

Com a velha organização, repartimos nos interesses infantis e no interesse que se baseia a ordem da classe, esse palavão a que chamamos disciplina.

Exemplo disso é o mobiliario: uma serie de carteiras, bem alinhadas, onde a posição do aluno deve ser só uma, ereta, fixa, inamovível.

agrem, pulam, gritam, tagarellam, para não se atrofhiarem de todo. Finalmente: si os alunos são *indisciplinados*, no conceito em que se tem ordinariamente a palavra disciplina, a culpa cabe à mehodo, interesse, disciplina e sobre a organização que se deve dar à escola, em face dos novos princípios.

2.ª AULA

O que a velha escola tem feito é collocar um homem, com paciencia ou sem ella, deante de um grupo de meninos suffocados por uma organização inadequada — e, em vez de crengas que aproveliam realmente, a escola as transforma em verdadeiros *didiáinhos*, na expressão de um dos assistentes... Organização verdadeiramente inadequada, repete, e com razão: a escola antiga é feita e construída, de acordo com os ideias dos adultos e como uma preparação para a vida. Esquece que as crianças devem viver integralmente a sua infancia. Que a infancia é uma phase necessaria ao desenvolvimento geral da vida. Que uma vida sem infancia é uma vida truncada. Compara a necessidade de se viver infantilmente a infancia, com a feitura ou construção de qualquer obra: a infancia é como o alicerce de um edificio. Ora, a escola antiga não permite que as crianças se desenvolvam naturalmente, dando expansão a suas tendências e inclinações, mas cencê-lhes a natureza, impondo-lhes o que lhe parece necessário como preparação para a vida.

O grande movimento escolar de nossos dias pode ser atribuído à deslocação do centro de gravidade da disciplina para as crengas. Toda a escola tem um fim de acordo com elle se organiza: as crengas. Não as crengas consideradas como um todo, mas como individuos, isto é, criaturas diferentes uma das outras, e,

Antes de dar inicio á sua segunda aula, a professora recomendou as seguintes obras, para que os novos assistentes apprehendam de pronto, as novas direcções da pedagogia: Ferrière, *L'école active* e *La Pratique de l'école active*; Hamalde, *La méthode d'écriture*; Claparede, *Psychologie de l'enfant*; Toledo, *O crescimento mental*; Dewey, *Schools of to morrow*, de que existe tradução hespaniola — *Las escuelas de mañana*. Entrainando no thema da aula, fez ligero sumário do que dissera na aula anterior, acerca da educação considerada como desenvolvimento e crescimento. Como promover tal desenvolvimento sob o ponto de vista phisico? Nossas escolas têm alcançado esse objectivo?

Muitas foram as respostas dadas e todos concluiram por dizer que a escola tem descurso por completo o desenvolvimento phisico das crengas. Os trabalhos nesse sentido, devem convergir para que as crengas se desenvolvam naturalmente, como as plantas, isto é, de dentro para fora. Quais os pontos principaes a versar quanto ao desenvolvimento phisico? Alimentação, liberdade de movimento, condições higiênicas, asseio corporal, sapatos, etc.

Taes pontos foram estudados e discutidos um a um, referindo cada assistente as condições peculiares do meio que conhace e sugerindo medidas para remediar os males.

Adveiu-se em que as nossas crengas são pessimamente alimentadas e muitas passam por indisciplinadas, indolentes, ou insensíveis, quando no fundo não passam de crengas famintas. Muitos exemplos foram citados e tomaram attitudes boas e nobres, naturalmente, sem permanecerem que estão procedendo bem.

3.ª AULA
A psychologia infantil

Para que se possam adoptar medidas conducentes á solução de tais problemas, resolveu-se que cada assistente, na proxima aula, suguisse o que for de pratico e exequível nesse particular.

Desenvolvimento mental

Quanto ao aspecto mental da educação, afirmou um assistente que a escola tem feito da memoria das crengas um verdadeiro armamento. Tem atrazado o crescimento das crengas, disse outro.

A professora indicou os defeitos do ensino, nesse particular, explicou que só pondo em jogo a observação, a iniciativa, o raciocínio — que se lhes podem dar verdadeira educação. Mas como alcançar esse objectivo?

Propor trabalhos, provocar a curiosidade, satisfazer essa curiosidade, dar liberdade.

Explicou-se a necessidade do ensino intuitivo. Sem raciocinar, não apreendem os alunos a raciocinar. E não o fazendo, na infancia e na adolescência, dificilmente cumprirão mais tarde seus deveres, e não estariam aptos para resolver os problemas da vida e cooperar com a collectividade. Uma democracia tem necessidade de cidadãos livres, energicos, autonomos, que saibam pensar, resolver e agir por si.

A escola deve oferecer oportunidades para o exercício das funcções intelectuaes.

Desenvolvimento moral

A escola tem procurado desenvolver os alumnos, intelectualmente, mas tem seguido caminho errado. Moraltamente, porém, nada

tem feito. O ensino de palavras, o ensino theorico pouco vale. O que deve fazer é dar aos alumnos ensino de agirem bem. Proporcionar situações naturaes em que as crengas se portem bem, pensem, resolvam, e tomem attitudes boas e nobres, naturalmente, sem permanecerem que estão procedendo bem.

A professora fez ligeiras considerações sobre a necessidade de se fazer um estudo acurado da psychologia infantil e demonstrou que era absolutamente indispensavel conhecer a alma infantil, para bem desenvolvê-la. Aconselhou a leitura de Piffau, William James, Claparede, Toledo, Binet, Rousseau, definiu essa necessidade perfeitamente. Mas como se chega ao conhecimento das crengas? Pela observação, sob o aspeto phisico, intelectual e moral. Phisico: exame medico, verificação de integridade dos orgaos, etc. Intelectual: pelo emprego de testes, sem exigir. Moral: conservação de liberdade, as crengas, para que se revelem; trabalhos escolares, que definem bem a psychologia infantil, como o desenho espontaneo; conversação do mestre com os alumnos, o que lhe permite conhecê-los na intimidade.

Mas si é necessaria a observa-

cão da crengue, desde o nascimen-

to, para a compreender inte-

ramente, a importancia dessa ob-

riga.

Em que se travam relações entre

o mestre e o discipulo.

A professora fez rapido estudo

da infancia e da meninice, accen-

tando as diferenças que cara-

cterizam esses dois estados da

vida, e discutiu com os assisten-

tes como a crengue, desde a pri-

meira infancia, mesge aos estímu-

los exteriores. Falou de Thorndi-

ke e da sua teoria acerca dos

REVISTA DO ENSINO

REVISTA DO ENSINO

infâncias infantis, e da corrente deve ser provocada pelo interesse.

A curiosidade, por sua vez, merece muita atenção. Na infância, época de atenção instável, a curiosidade é muito viva. A criança, a todo instante, inquiré o que é esta ou aquella coisa. Na meninice, época de atenção mais firme, a criança quer saber para que serve esta ou aquella coisa.

O medo do escuro, por exemplo, a que se allude na obra de Tolèdo, não é absolutamente hereditário, mas é fruto de uma educação erronêa.

Allude às experiências de Watson, que aproximou um coelho de uma criança. Essa não teve medo. Outra vez, porém, associou um barulho à aproximação de um coelho. A criança aterrismorou-se e bastava mostrar-lhe o coelho, mesmo desacompanhado de barulho, para se atemorizar...

Explicou claramente que para o conhecimento de seus alunos, além da vida escolar e do contacto nas aulas e recreios, deve o professor procurar conhecer o meio em que elles foram criados e vivem, as suas condições de vida, a posição social de seus pais.

Voltando a falar da primeira infância e do estado de semiconsciência que a caracteriza, citou Thorndike e uma experiência interessante, feita por adultos para definir melhor: a de uma cria turista, que, andando, se deixa em dado momento, ficar olhando para o céo, como que desprendida do mundo physisco e desatentada à vida de sua consciencia.

Passou a estudar o processo do conhecimento, como se adquirem os conhecimentos, a função dos sentidos, a diferença entre a sensação (idéa das qualidades da coisa) e a percepção (resultante de sensações, idéa da coisa em si).

Preciso bem a necessidade de educar os sentidos, para a aquisição de conhecimentos, e explicou que à criança deve conceder-

se a mais larga actividade, a qual deve ser provocada pelo interesse.

A curiosidade, por sua vez, merece muita atenção. Na infância, época de atenção instável, a curiosidade é muito viva. A criança, a todo instante, inquiré o que é esta ou aquella coisa. Na meninice, época de atenção mais firme, a criança quer saber para que serve esta ou aquella coisa.

Champe responder, com cuidado, as perguntas das crianças, dando-lhes respostas satisfatórias e não matando a curiosidade, a falta de conhecimento, juntito à tendencie inata para a actividade, dà logo a uma grande acumulação de experiências sensoriaes e motoras. Dahi se conca que «cada uma das fases da vida tem a sua razão de ser» em si mesma e que a «criança — não sendo um adulto em miniatura, mas sim uma criança — deve ser tratada como tal, não devendo nunca os seus educadores esquecer que quanto mais amplamente ella viver a sua vida de criança, de acordo com as tendencias e interesses naturaes da sua idade, mais se desenvolverá e, assim, melhor também se preparará para a sua vida de adulto; e de que a supressão de uma destas fases dará em resultado o abrofamiento das que se lhe seguirão.

4.º AULA

Em continuação de sua aula anterior, a professora accentua que não ha, na consciencia, actividade isolada, como primeiramente se pensava, depois a unificação de sensações, depois a unificação de percipções, em seguida a formação de imagens de memória, concepções, ideias e finalmente a organização de tudo isso em processos de raciocínio; que a psychologia moderna não admite mais a velha teoria de um cerebro composto de "faculdades" mas, on menos, independentes umas das outras. Todas as funções mentais são hoje consideradas partes integrantes de um complexo unico e não podem existir isoladas. Si as estudarmos em separado, é apenas para facilitar o estudo e, talvez, um pouco, por tradição adusmo ou respeito ao passado.

Pedindo atenção para alguns pontos mais importantes da sua ultima aula, assinalou que a divisão em períodos limitados por um determinado numero de annos, é também arbitria e exclusivamente feita para base de es tudo. E' verdade que ha certas características que servem de ba-

se para esta divisão, mas as diferenças individuais são tão variadas e profundas que nada se pode dizer em absoluto.

Assim, é preciso não esquecer nunca que, em cada individuo, o desenvolvimento é um processo contínuo de mudanças sucessivas e não uma sucessão de períodos distintos e diferentes. Em geral, o que se pode dizer é que as «características da vida mental de cada período são determinadas pelas necessidades do periodo. Por exemplo, na primeira infancia, a falta de «conhecimentos», juntito à tendencie inata para a actividade, dà logo a uma grande acumulação de experiências sensoriaes e motoras. Dahi se conca que «cada uma das fases da vida tem a sua razão de ser» em si mesma e que a «criança — não sendo um adulto em miniatura, mas sim uma criança — deve ser tratada como tal, não devendo nunca os seus educadores esquecer que quanto mais amplamente ella viver a sua vida de criança, de acordo com as tendencias e interesses naturaes da sua idade, mais se desenvolverá e, assim, melhor também se preparará para a sua vida de adulto; e de que a supressão de uma destas fases dará em resultado o abrofamiento das que se lhe seguirão.

Educação da memoria

Passando, em seguida, a ventilar a these: — si a memoria pode ou não ser educada, a professora, antes de manifestar-se, ouvi os assistentes, establecendo-se em torno do assumpto grande controvérsia. A professora então lembrou que a questão tem sido muito debatida pelos psychologos, e cito a opinião de William James que, depois de uma série de experiencias comisgo mesmo e com amigos seus, chegou à conclusão de que a memoria não é susceptivel de ser educada. Binet e outros psychologos, concordam com William James em que a capacidade de retenção é nativa e depende da qualidade dos tecidos nervosos, acham, porém, que a memoria não escapa á lei geral, do desenvolvimento pelo uso e que «si o exercicio, a rigor, aumenta a capacidade de nossa memoria, ao menos afina a arte com que nos servimos della».

Para nós pedagogos, acrescentou a professora, a questão não tem nenhuma importancia, uma vez que se admittia a educabilidade da memoria. Ela é eminentemente educavel desde que se active sobre seus factores. Quaes são estes factores?

Diversos foram sugeridos pelos discípulos, sendo afinal agrupados pela professora na seguinte ordem:

Memória

A professora passou, em seguida, a abratar da memoria ou da capacidade que temos de conservar, reproduzir e reconhecer impressões anteriormente experimentadas. Accentuou a sua importância: «ela, como diz Binet, é como um grande livro animado e inteligente, que abre por si mesmo suas paginas no logar preciso, fornecendo ao ser pensante abundância de materiaes com os quais trabalha o seu pensamento».

Depois que diversos inspetores se manifestaram sobre a ma-

teria, enaltecedo todos (o valor da memoria) a professora inquiriu: Mas si a memoria é assim tão importante, porque se condemna tanto a forma de ensino tendente apenas a «desenvolvê-la?»

Em discussão a matéria, opinaram os inspetores, chegando à conclusão de que em muitas das nossas escolas o ensino é apenas verbal e que nem mesmo edica a memoria, visto que, sabidamente, o que devem ser guardados são os factos e imagens logicamente agrupados e não meras palavras sem significação real.

Educação da memoria

Passando, em seguida, a ventilar a these: — si a memoria pode ou não ser educada, a professora, antes de manifestar-se, ouvi os assistentes, establecendo-se em torno do assumpto grande controvérsia. A professora então lembrou que a questão tem sido muito debatida pelos psychologos, e cito a opinião de William James que, depois de uma série de experiencias comisgo mesmo e com amigos seus, chegou à conclusão de que a memoria não é susceptivel de ser educada. Binet e outros psychologos, concordam com William James em que a capacidade de retenção é nativa e depende da qualidade dos tecidos nervosos, acham, porém, que a memoria não escapa á lei geral, do desenvolvimento pelo uso e que «si o exercicio, a rigor, aumenta a capacidade de nossa memoria, ao menos afina a arte com que nos servimos dela».

Para nós pedagogos, acrescentou a professora, a questão não tem nenhuma importancia, uma vez que se admittia a educabilidade da memoria. Ela é eminentemente educavel desde que se active sobre seus factores. Quaes são estes factores?

Diversos foram sugeridos pelos discípulos, sendo afinal agrupados pela professora na seguinte ordem:

REVISTA DO ENSINO

60

Si educar é promover o desenvolvimento integral do individuo, como educar? A escola, conforme esta constituida, na sua forma clásica, não abrange esse fim. Quando muito, transmite conhecimentos, dá noções. O ensino da ordem lógica — elementos de associação — repetição.

Foram, então, discutidos estes factores, especialmente em suas aplicações ao ensino, concluiu-se que este precisa ser simples, concreto, intuitivo, para que as crianças o compreendam bem; que deve ser baseado em coisas que interessem à criança, visto como esta, por sua própria natureza, so presta atenção ao de condições que favorejam o desenvolvimento dos alunos. Para despertar certas faculdades latentes e estimular o crescimento das certas virtudes, ella tem, ao lado das aulas propriamente ditas, das aulas do programa, certas actividades extra-programma, — agrada as crianças; que o ensino deve partir sempre do conhecido para o desconhecido, de maneira que as ideias novas se associem às antigas; que o ensino, além de activo, precisa ser intuitivo e activo, precisa ser também algo dramático, isto é, precisa apelar para o lado emotivo da criança, etc.

INSTITUIÇÕES ESCOLARES

1^a AULA

Generalidades

“Antes de se definir o que sejam instituições escolares e fixar qual a função que elles exerçem na escola, é necessário definir o que seja educação e o que seja ensinar.” — afirmou a professora Amelia de Castro Monteiro.

Um dos assistentes disse que ensinar é transmitir conhecimentos. Outro disse que é promover o desenvolvimento integral do indivíduo, sob o triplice aspecto físico, moral e intelectual.

A professora opôs por esta última formula. A primeira é definiente, pois só abrange a face

REVISTA DO ENSINO

81

cios, quasi exclusivamente mentais.

Tais oportunidades são proporcionadas aos alumnos, que delas servem com interesse profundo, porque são situações reaes e não artificiais.

A escola, finalmente, mercê das instituições escolares, põe-se no mesmo nível da vida, une-se com a vida social, della não se dissociando, e resolve o Regulamento Primário preconisa, adotando o conceito de Dewey, “uma sociedade em miniatura”.

Toda a preocupação do mestre deve convergir, portanto, para que a escola mantenha um ambiente familiar, sereno, indutivo, em que os alumnos possam portar-se, com liberdade.

Não pode de modo algum descarar-se das instituições escolares, e deve fazer dessas instituições um campo de prática assidua dos conhecimentos hauridos em aulas (como, por exemplo, através de excursões), e, sobre tudo, um campo de prática de virtudes essenciais para uma cidadão, verdadeiramente eficiente e, por isso, útil a colectividade e que vem a ser a iniciativa, a coragem, a cooperacão (escoceirismo, jogos, jornaes, conselhos de estudantes, família escolar, clubs, etc.).

2^a AULA

Antes de entrar propriamente no tema do dia, a professora fez ligeira recapitulação do que afirmara na aula passada e fixou bem o objectivo da escola — o de preparar cidadãos. Para que dê aos alumnos esse conjunto de qualidades que tornam um cidadão, é necessário que a escola os freine, lhes proporcione ensino de praticarem as actões sociais e adquirirem hábitos sociais.

Como pode a escola alcançar esse objectivo? Sendo uma organização da sociedade, isto é, organizando-se como uma sociedade, dando aos alunos situações

reaes para agirem bem e naturalmente.

A instrução, as informações, o conhecimento de muitas coisas, o não bastam: faz-se mistério que o alumno adquira certas virtudes, praticando-as, porque a collectividade não quer saber do grau de sua cultura, mas da sua efficiencia.

Ora, a parte dos trabalhos escolares destinada a desenvolver essas virtudes e a consolidar esses hábitos está justamente nas instituições escolares.

Liberdade

Quiz a professora também definir o que seja a liberdade. Com base o conceito ordinario dessa palavra: desordem, anarchia. A liberdade que se deve conceder aos alumnos é precisamente a geradora da disciplina. Mas, como?

Põe-se os alumnos na condição de querem.

Mas o meio de se alcançar essa liberdade, que não deve degenerar em desordem, é alinhada ao interesse, à responsabilidade e ao trabalho.

Ha escolas norte-americanas em que os alumnos não têm posição definitiva: sentam-se no chão, treparam nas cadeiras, tomam, afinal, a atitude que lhes convém. Entretanto, ha provéito. E que o importante numa escola é que se lhes usava determinar. E que o posicionamento e trabalho e não assumam a posição inflexível que

A professora pensa, contudo, (e essa é apenas uma opinião) que não se pode conceder de uma só vez essa liberdade, sobre tudo quando as crianças foram educadas sob a velha disciplina. Contudo, a professora manteve-se permanentemente activa e alerta, acompanhando, com cuidado, a actividade da escola e evitando as consequencias como também espremer-as e comprehendê-las desde

Além do primeiro encontro das crianças com a liberdade.

Objetivos das instituições escolares

As instituições escolares são muito adequadas a dar aos alunos os hábitos sociais necessários para a que venham a ser úteis a colectividade. Offerecem ocasiões favoráveis de agir por si e em colaborar relações sociais. Desenvolvem o amor e o interesse pela escola. Os alunos, participando dos trabalhos escolares e velando pelo bom nome como pela eficiência do estabelecimento, sentem-se um pouco donos do estabelecimento. E' a sua escola. Desenvolvem, fazendo parte das instituições, a iniciativa, a coragem, a lealdade, a simpatia, a confiança em si, a tolerância, o respeito pela personalidade alheia, o espírito de cooperação, a ordem, alegria nos jogos, a estabilidade emocional, que lhes permite receber, serenamente o aplauso e a censura, o destemor de afirmar e de negar, a coragem de afrontar os apóios e o riscos, a coragem de emitir opiniões e de receber a crítica dos outros, o domínio de si próprio, o desenvolvimento físico, o bom humor, a alegria, o convívio de ambos os sexos, o porte correcto, etc.

Só através dos trabalhos em comum, completamente autónomos, é que os alunos podem desenvolver essas virtudes, realmente indispensáveis para os cidadãos de uma democracia. Estudou a importância dessas qualidades e mostrou como os alunos as conseguem, através das instituições escolares.

A nossa educação tem sido autoritária, porque a disciplina entre nós reinante é ainda a formal, a militar, a napoleónica. Tal disciplina abafa e suffoca todas as boas virtudes, como desperta certos defeitos, como a dissimilação, a deslealdade, a passividade.

Além dessa função positiva de sugerir e consolidar hábitos saudáveis, têm as instituições uma outra função de relevo: preenche as horas vagas dos alunos e ocupa-os em actividades de proveito, furtando-os à má companhia, às depravações, à vagabundagem, ao vício.

Finalmente: si se quizer formar cidadãos eficientes, através das escolas, é necessário dar a estas uma organização democrática, uma "sociedade em miniatura", no conceito de Dewey, em que cada aluno tem a sua função determinada, livre em pensar e em agir.

Foi a seguir à bibliografia que recomendei, concientemente, o seguinte: Cubbenly: *The principal and his school; Cox Capital and his school; Foster: Executive School Control; Foster: Extracurricular activities in High School; Meyer H. D.: Hand-book of Extra-curricular activities.*

3.º AULA

Outros objectivos

Continuando a estudar os objectivos das instituições escolares, a professora Amelia de Castro Moniz

realizou o sentimento da lei e da ordem. Não se pode nem se deve impor ordem a uma classe: a ordem impõe é sempre a pior. E' sempre um desafio: convida os alunos a transgredir. Só através do trabalho, e este provocado pelo interesse, é que se consegue a disciplina. As instituições, prendendo a atenção á escola, facilitam de muito a disciplina e a ordem.

b) Dar aos alunos qualidades de comando. Taes virtudes são essenciais numa democracia. E não se adquirem, decorando palavras mas fazendo e praticando actos, como na constituição de um conselho de estudos, de um auditório, das excursões, dos clubes.

- c) Dar aos alunos o hábito da responsabilidade. Capacita-lhos de que, assim como têm deveres a cumprir, têm direitos a exigir, como os adultos. Si não adquirem tais hábitos, praticando acções boas, na infância, se tornarão mais tarde cidadãos ineficientes. Para isso, é necessário que se dê a todos os alunos ensaio de participação nas instituições escolares. Não escolher taes e tales crengas, nem exceptuar taes e tales, nem ignorar igualas direitos e oportunidades a todos os alunos.
- d) Dar aos alunos oportunidades de se revelarem. E' através das instituições escolares, nos jogos, clubes, excursões, etc., que as crianças se revelam. Tais são, nas suas virtudes como nos seus defeitos. Uns, que têm passado por maus alunos, revelam talento especial para desenho, para música, etc.; outros, para a literatura; outros para a mecânica, para a eletricidade, etc.
- e) Cumpre ao mestre observar os cuidadosamente, nessas horas de expansão, para aproveitá-los bem.
- f) Auxiliar o trabalho regular das escolas. As instituições escolares não têm por fim recrear, alegrar, e divertir os alunos. Devem sanitar o programa e voltar para elle. Um club de ciências resolve desenvolver um ponto do programa. Os alunos ajuntam matérias, estudam, classificam. A professora lembra-se de sessões de auditório, em escolas norte-americanas, em que as as crianças do oitavo ano escolar estudaram pontos interessantes, com material preparado por elas próprias.
- g) Taes estudos, realizados pela iniciativa dos alunos, intensificam e alargam o interesse pelas matérias do programa.

Bons qualidades das instituições

- a) Devem ser educativas e só são quando desenvolvem certas qualidades dos alunos, como a

- b) Devem dar ensaio à expansão das diferenças individuais, acima alludidas.
- c) Devem fazer parte do horário escolar, para as crianças não as considerarem como uma sobre-carga, que aborrece e cansa.
- d) Deve o professor agir como guia, e não coercitar a iniciativa das crianças. Deixa-las agir, e não fazel-as agir, como títeres. O domínio absoluto do professor, a sua orientação exclusiva deturparão de tal maneira as instituições, que se-rá melhor não as crear.
- e) O professor deve tomar parte nas instituições. Do zelo, dedicação, entusiasmo e amor dos diretores e professores dependem as instituições escolares. Nos contactos que de seu serviço fazem os professores norte-americanos, especificam-se expressamente as instituições de que podem encarregar-se.
- f) Os assistentes técnicos têm a grande missão de orientarem, nesse sentido, os professores, para interesses escolares.
- g) Passando a estudar o auditorium, friso claramente que um dos fins do auditório é ligar a escola à sociedade, mas o principal fim é desenvolver certas qualidades dos alunos: iniciativa, coragem de ter opinião e de emitir-a, organização, educação estética, conhecimento do Regulamento e da vida escolar, formação do espírito da escola.
- h) Além disso, é um bom emprego para as horas de lazer, porque pre-ocupa os alunos com interesses elevados e superiores, ao invés de os deixar na rua, a fazer depredações.
- i) Trayaram-se varias discussões na aula e chegou-se ás seguintes

REVISTA DO ENSINO

87

- Entre os assumptos adequados ao "auditorium", podem ser lembrados:
- Cruz Vermelha;
 - Promoto soecorso — com demonstrações;
 - Mosquitos;
 - Alimentos desejáveis e indesejáveis — modelo de refeição;
 - Acontecimentos mundiais, inventões; oradores ou cantadores alheios à escola; correio — o que acontece em sua carta;
 - Palestra sobre viagem, ilustrada com gravuras;
 - Regimento do transito;
 - Evitar accidentes;
 - Trabalho dos clubs;
 - Como a natureza protege os animais;
 - Estructura das plantas e animaes;
 - Cobras, passaros, flores, reixes, etc.;
 - Demonstrações physiques;
 - Debate: O automovel é mais útil do que o cavalo?
 - Musica;
 - Festas nacionaes;
 - Homens celebres, suas obras;
 - A vida dos indios;
 - Jogo de arithmetica;
 - Telephone, sua historia, como foi inventado.
 - Assumptos particularmente adequados ás nossas escolas são, por exemplo, os seguintes:
 - Os bandeirantes;
 - A historia do milho — com dramatização dos processos antigos até os mais modernos;
 - Gymnastica, drills e danças;
 - Portadores de germens (ilustrado com lanterna);
 - Importancia da agua filtrada;
- Leite, importancia como alimento; lanterna — cinema; concerto de victrola — selecção por voto dos alunos;
- Contar historia pelo club de leitura;
- Quadro vivo de uma pintura celi-pele;
- Qualquer dos productos principaes do paiz: café, cacáo, boracha, assucar, algodão, etc.
- Exemplos*
- Tratando das sessões de "auditorium," a que logram assistir nos Estados Unidos, a professora mostrando como se planta desde o tempo dos bandeirantes; os processos rudimentares de cultivo. Os alunos verão um mapa das zonas de produção, sendo feita, unida, uma exposição de produtos derivados do milho; a farinha, a mandioca, o fubá, a cangeta, etc.
- 5.ª AULA*
- Lembrando o assumpto da ultima aula, a professora convidou os assistentes a apresentarem seus problemas, dividas, ou pianos. Um delles le seu trabalho, mostrando judiciosamente, a necessidade de se modificar a mentalidade de nosso povo quanto á dignidade das profissões.
- O nosso povo dá muito apreço á posição social, sem considerar as qualidades pessoais do individuo; assim, despresa um carroceiro e um pedreiro, que são talvez mais dignos do que seus superiores, considerando tambem a interdependencia dos individuos, cada um contribuindo com sua parcela para o bem da collectividade.
- A professora mostra que tiveram ali um numero de "auditorium" que puseram em practica a colaboração e o respeito á personalidade alheia, ouvindo e considerando uva idea que vem se juntar ás nossas, enriquecendo-as, melhorando-as e assim nos conduzindo ao progresso e bem estar de todos.
- Todos concordaram em que a dignificação das profissões pode-se

com os treulos nacionaes caracteristicos. Depois, uma cena da vida japoneza: creanças vestidas a caráter chegam para tomar chá. Ainda outro tipo: A macá. Dramatização. Lavradores plantam as sementes, que são creanças vestidas de panel crepon marroa. Cantam, cantam outras, desaparecem, e voltam grindo da terra.

A professora sugeriu, por fim, um tipo de "auditorium" brasileiro, com o seguinte programma:

Hymno. Breve preleção pelo diretor, sobre a historia do milho, mostrando como se planta desde o tempo dos bandeirantes; os processos rudimentares de cultivo. Os alunos verão um mapa das zonas de produção, sendo feita, unida, uma exposição de produtos derivados do milho; a farinha, a mandioca, o fubá, a cangeta, etc.

Entrou-se no assumpto do dia, os clubs

Clubs

Os clubs são instituições muito úteis e se applicam perfeitamente á escola primaria. Fazorecam grandemente o desenvolvimento moral, fisico, e intellectual da creança. A sociedade muda (as necessidades sociais são diferentes) e os clubs aliam como se plantam desde o tempo dos bandeirantes; os processos rudimentares de cultivo. Os alunos verão um mapa das zonas de produção, sendo feita, unida, uma exposição de produtos derivados do milho; a farinha, a mandioca, o fubá, a cangeta, etc.

Entrou-se no assumpto do dia, os clubs

Os clubs são instituições muito úteis e se applicam perfeitamente á escola primaria. Fazorecam grandemente o desenvolvimento moral, fisico, e intellectual da creança. A sociedade muda (as necessidades sociais são diferentes) e os clubs aliam como se plantam desde o tempo dos bandeirantes; os processos rudimentares de cultivo. Os alunos verão um mapa das zonas de produção, sendo feita, unida, uma exposição de produtos derivados do milho; a farinha, a mandioca, o fubá, a cangeta, etc.

Utilidade dos clubs

Assim como as outras instituições, os clubs devem ser adaptados á idade das creanças e aos interesses proprios dessa idade. Assim, é utopia fundar no 1.º anno um club de literatura ou de historia patria. É importantíssimo que as creanças sintam o desejo de formar o club. Muitas vezes a professora terá de criar uma situação sugestiva.

Um delles le seu trabalho, mostrando judiciosamente, a necessidade de se modificar a mentalidade de nosso povo quanto á dignidade das profissões.

O nosso povo dá muito apreço á posição social, sem considerar as qualidades pessoais do individuo; assim, despresa um carroceiro e um pedreiro, que são talvez mais dignos do que seus superiores, considerando tambem a interdependencia dos individuos, cada um contribuindo com sua parcela para o bem da collectividade.

A professora mostra que tiveram ali um numero de "auditorium" que puseram em practica a colaboração e o respeito á personalidade alheia, ouvindo e considerando uva idea que vem se juntar ás nossas, enriquecendo-as, melhorando-as e assim nos conduzindo ao progresso e bem estar de todos.

Todos concordaram em que a dignificação das profissões pode-se

REVISTA DO ENSINO

REVISTA DO ENSINO

89

Nas escolas maiores, esses interesses se manifestarão diferentes, isto é, relativos à casa e à fazenda (animais, árvores, costura, arte culinária, etc.).

2. Motivam o trabalho da escola. Os clubs são muitas vezes ligados às matérias do programa. Assim os de ciências, de geografia, de higiene, de jogos, etc., enriquecem o estudo e desenvolvem o gosto pelas diversas disciplinas; pois é um trabalho mais espontâneo, menos formalizado que o da classe.

O club e a classe se completam. 8. Desenvolvem iniciativa, curiosidade e observação. Em procurar informações e material, em estudar para seu club, a criança põe em prática essas qualidades.

4. Favorizem a descoberta das diferenças individuais. O club é caracterizado pela exponencialidade, portanto explora os interesses peculiares a cada criança, isto é, suas tendências e aptidões.

5. Praticam da cooperação — Trabalhando juntos para o mesmo fim, cada um contribuindo com sua parte de energia, de ideal e de boa vontade.

Começar se organizar

Nas escolas secundárias, os clubs obedecem a uma organização mais complicada e desenvolvida. Nas escolas primárias, deve ser a mais simples possível.

Pode cada classe separadamente ter seus clubs.

Podem dividir-se as crianças em dois grupos, de adeantamento e interesses mais ou menos análogos: 1.º e 2.º anno — 3.º e 4.º pertencendo aos mesmos clubs.

Os clubs podem, ainda, abranger toda a escola. Neste caso deverá haver hora e sala designadas para as reuniões, em dias destinados de sorte que um aluno possa pertencer a dois clubs.

Cada club terá uma professora

para conselheira e guia, a qual po-

derá ser escolhida pelas crianças

ou indicada pelo director, para chefiar o club, de acordo com os interesses e capacidades pessoas; assim, a professora que sabe e gosta de música, deve dirigir esse club. Esse professor, não deve exercer função dictatorial. Tudo isto depende da organização geral da escola e do número de alunos.

A hora das reuniões deve estar fixada no horário, uma vez por semana ou quinzenalmente, dependendo também da organização geral da escola. Não toma tempo aos estudos, como pode parecer; ao contrário, é um poteroso auxiliar delles, pois enriquece a matéria a que está ligado, por meio das informações colhidas e é excelente exercício de lingüagem.

Durante as reuniões, as crianças que não pertencem ao club, devem se ocupar de algum trabalho. O club deve ter estatutos, formais simples que seljam: nome, fins e finalidades, estatutos, por exemplo, para membros, deveres dos membros, actividade, etc.

Pode também ter distintivo.

A directora deve ser eleita pelas crianças.

Tipos de clubs

Lista sugestiva de alguns clubs, para a escola primária:

1 — Leitura; 2 — Saúde; 3 — Geografia; 4 — História; 5 — Passaros; 6 — Agricultura ou jardinagem; 7 — Botânica; 8 — Modelagem; 9 — Bordados; 10 — Flores; 11 — Canto (ou musica); 12 — Narrativa de historia; 13 — Assumptos correntes; 14 — Arvores; 15 — Costura; 16 — Pedreiros; 17 — Carpinteiros; 18 — Sports (em geral); 19 — Educação física; 20 — Pintura; 21 — Poesia; 22 — Ciencias naturaes (em geral); 23 — Obras benficiantes.

Club de ordem — Descrição de uma sessão: Classe de 3.º anno. As crianças sentam-se em círculo; entre elas, a professora; ao lado destas ficam a presidente, o secretário e o vice-presidente; a presidente levanta-se e diz que o secre-

tário vai ler os trabalhos do club. Depois da leitura, proposta são feitas, pelos que aprovam, levantam a mão direita; a presidente conta-os e o secretário registra sim ou não, conforme o numero.

Relatam as ocorrências da semana, relativas à disciplina, ordinariamente, boa ou má conduta. Aquelas que querem falar levantam a mão e a presidente dá a palavra. A professora só fala para orientar e aconselhar os meios de corrigir os infractores da ordem.

ORGANIZAÇÃO PEDAGOGICA

1.ª AULA

Funcção da escola primária

A professora Lucia Schmidt Monteiro de Castro estudou, com os assistentes, o que é a escola primária e qual a sua função.

Transmitir conhecimentos, assegurar uns; desenvolver as faculdades dos alunos, afirmaram outros; prepará-los para a vida, para por si se encaminharem, dissimilando alguns outros.

Foram examinadas todas as asserções e discutidas com cuidado, contra criticadas, pela professora, que assim definiu a função da escola: preparar o indivíduo para melhorar o carácter de seu procedimento, isto é, as condições de seu estudo, faz-se mister um estudo acurado dos indivíduos que se ensinam, conhecê-los os podemos, as tendências, o lastro que põe a hereditariade. Ihes foi transmitido. Conhecidos tais poderes e tendências, devem ser canalizados, corrigidos, e dirigidos, evocados uns, estimulados outros.

Corrigem-se e canalizam-se taes inclinações e tendências, transformando o meio e creando condições favoráveis.

Mas das sugestões dos assistentes, uma parte é verdadeira; preparam para a vida. Não se deve trocar para a vida. Não se deve trocar para a vida.

Invenções, instituições, movimentos sociais transformaram, por vezes, de todo o ambiente. Mas, mesmo tomando-se ao pé da letra, o melhor meio de se preparar para a vida é viver efficientemente. Para isso, a escola deve ter em vista formar a reformar os indivíduos que se lhe confiam.

Passa-se, depois, para a conceituação da educação, como desenvolvimento do indivíduo, sob os aspectos phísico, intelectual, moral e social. Exploram a professora o aspecto social, a sua importância e a sua significação. Como um dos assistentes afirmasse que o aspecto social está incluído no aspecto moral, definiu-se claramente o que se passa, para um do outro, pois o moral desenvolve o indivíduo como indivíduo e social como membro de uma colectividade, por cuja bem deve propagar.

Igualmente, discutiu-se largamente sobre a instrução e a educação, qual o campo de uma e outra, concluindo-se que a instrução é apenas uma parte da educação e que não é verdadeiro o conceito de que ha indivíduos educados e não instruidos. Ha-os instruidos e não educados. A reciproca, porém, não é verdadeira.

Accentuou-se bem o papel que exercem a infância e a adolescência no desenvolvimento do indivíduo, não podendo nenhuma delas ser truncada ou falsificada.

Passou-se, afinal, a discutir o momento a escola pode exercer a sua